



## **GEOGRAFIAS QUE OUSAM DIZER NOSSOS AMORES: MUITO ALÉM DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

Victor Dantas Siqueira Pequeno

Mestrando em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/UUCG), Brasil

[victorpequenogeo@gmail.com](mailto:victorpequenogeo@gmail.com)

**RESUMO** – O presente texto consiste num ato celebrativo para com os estudos de gênero e sexualidades na Geografia. Trata-se de um exercício teórico, exploratório (Gil, 2002) fundamentado metodologicamente na atitude inventiva do relatar a si mesmo (Butler, 2015) e dos afetos enquanto práticas feministas (hooks, 2020). Tomo emprestado quatro textos da geógrafa brasileira Joseli Silva e traço um percurso na intenção de mostrar as contribuições e renovações conceituais para com a comunidade geográfica brasileira e internacional. Argumento e defendo que a trajetória acadêmica de Joseli Silva resultou no reconhecimento de gênero e das sexualidades enquanto categorias de análise geográfica e as feminilidades, masculinidades e travestilidades enquanto experiências de vida que constroem o espaço geográfico.

Palavras-chave: Geografias Feministas; Teorias Queer; Corpo; Epistemologia Geográfica.

## **GEOGRAPHIES THAT DARE TO SAY OUR LOVES: FAR BEYOND GENDER AND SEXUALITIES**

**ABSTRACT** – The present text consists of a celebration act towards the studies of gender and sexualities in Geography. It is a theoretical, exploratory exercise (Gil, 2002) methodologically based on the inventive attitude of reporting oneself (Butler, 2015) and affections as feminist practices (hooks, 2020). I borrowed four texts from the Brazilian geographer Joseli Silva and traced a path with the intention of showing the conceptual contributions and renovations to the Brazilian and international geographic community. I argue and defend that Joseli Silva's academic trajectory resulted in the recognition of gender and sexualities as categories of geographic analysis and femininities, masculinities and transvestites as life experiences that build the geographic space.

Keywords: Feminists Geographies; Queer Theory; Body; Geographic Epistemology.

### **INTRODUÇÃO**

O valor de uma obra feminista não pode ser determinado pelo critério da conformação a padrões acadêmicos [...] Não haverá movimento feminista de massa enquanto as ideias feministas ficarem confinadas aos círculos das elites cultas (hooks, 2019, p. 169).

Rasurar alguns padrões/normas de escrita acadêmica é um hábito que tenho cultivado desde o ano de 2021, época em que desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No mestrado, não somente tenho exercitado e aprimorado tal hábito, como passei a incentivar amizades que minimamente comungam de princípios éticos e políticos semelhantes aos meus. Registrado isso, gostaria de declarar que...

Proponho no presente artigo uma revisão bibliográfica e também narrativa que entrelaça o pessoal, o político e o científico. Fundamento a minha escrita em memórias afetivas ocorridas

em espaços acadêmicos e que significaram a minha existência enquanto homem cisgênero, negro, nordestino e bixa. Trata-se de um exercício teórico que se quer exploratório (Gil, 2002) ao mesmo tempo em que aprofundo minha leitura e escrita para conceitos específicos como gênero (Butler, 2003), performatividade (Butler, 2003) e interseccionalidade (Crenshaw, 2002) e a adesão destes na ciência geográfica brasileira.

A pergunta-guia consiste em: quais os avanços conceituais e epistemológicos oferecidos pelos estudos de gênero e sexualidades encaminhados pela Joseli Silva e seus/as pares para com a agenda de pesquisa geográfica brasileira? Isso em vista, o horizonte empírico problematizado inicia em 2019 quando do meu primeiro encontro com a professora-pesquisadora Joseli Silva, uma das precursoras no Brasil no que tange às pesquisas sobre gênero e sexualidades na Geografia. A partir desta data descrevo outras experiências pessoais que representam a construção e maturação do meu saber/fazer geográfico aliado dos princípios e éticas feministas e decoloniais.

Tomei emprestado da professora Joseli quatro textos que me auxiliaram na elaboração da minha escrita e na condução do meu raciocínio que teve como objetivo apresentar ao leitor/a as contribuições conceituais e epistemológicas de tais obras para a ciência geográfica, sobretudo, a brasileira. Argumento como a professora Joseli e seus pares conseguiram eleger gênero e corpo como categorias de análise geográfica e as feminilidades, masculinidades e travestilidades como experiências de vida por demais transformativas para com o espaço geográfico.

Metodologicamente amparo-me em ferramentas inventivas como o falar de si (Butler, 2015) e a politização dos afetos (hooks, 2020) para criar um texto-manifesto e um ato de celebração para com uma das geógrafas brasileiras mais competentes da atualidade conhecida carinhosamente como “Jô”.

Esse ato começa quando da minha leitura com o texto “Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica” escrito pela professora Joseli (2003) e que inaugurou no Brasil a mobilização de conceitos que até então estavam restritos às academias do Norte Global. A partir deste percorri outros trabalhos individuais da pesquisadora ao longo de quase 20 anos (2003-2020) na tentativa de mostrar como as ideias e/ou proposições conceituais sobre gênero e sexualidades em Geografia foram (re)pensadas e re(i)novadas.

Reconheço que talvez eu possa ser interpelado por avaliações que possam qualificar este manuscrito como não geográfico o suficiente, e/ou ser questionado pelo o uso exclusivo de autores/as “contemporâneos”. Sei também que a celebração que faço com a pesquisadora pode ser compreendida como prepotente, afinal, não é do costume da ciência moderna celebrar autores/as em vida. Tem que morrer primeiro. De todo modo, aceito as possíveis críticas e desde já agradeço a oportunidade para ao menos ter sido lido e avaliado primariamente. Seguimos!

## **DE QUANDO EU CONHECI A JOSELI SILVA E AS MALDITAS GEOGRAFIAS**

Março de 2019. Rio Claro - SP. UNESP. Congresso Brasileiro de Organização do Espaço. Naquela semana eu ouvi e presenciei pela primeira vez a professora Joseli Silva. Na ocasião, fui apresentar resultados parciais da minha pesquisa de Iniciação Científica sobre o Comércio de Delivery em Campo Grande - MS. Tive a oportunidade de alguns encontros com estudantes de Graduação e Pós-Graduação, especialmente, do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), além, é claro, de ter conhecido estudantes da própria UNESP - RC.

Todavia, o encontro mais surpreendente ocorreu durante as mesas de debate organizadas pelo evento. Entre essas, a mesa em que a professora Joseli Silva integrou. O motivo de sua fala foram as experiências de travestis e mulheres transgêneros no exercício da prostituição no Paraná, especificamente, na cidade de Ponta Grossa e as pesquisas que tais sujeitas inspiraram

as/os pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). As reações das pessoas presentes no auditório foram distintas. Alguns estavam admirados/as com os relatos, alguns emocionados/as, outros/as desconfortáveis. Eu, no entanto, estava em êxtase. Como assim era possível trabalhar gênero e sexualidades na Geografia? Como assim os/as professores/as da minha Universidade não me apresentaram tais possibilidades de pesquisa? Teria sido intencional ou elas/es simplesmente não foram motivados/as a discutirem tais questões durante sua trajetória acadêmica?

O entra e sai de pessoas no auditório revelava a potência transformadora dos conhecimentos daquela pesquisadora frente a um público de estudantes e pesquisadores “tímidos/as”, numa das universidades mais aclamadas do país que coincidentemente consolidou a Geografia “tradicional”, a mesma que estava sendo questionada pela professora Joseli.

Daquele evento em diante muita coisa mudou em minha vida, sobretudo, meus interesses acadêmicos. Recordo-me que voltei para minha Universidade todo animado e com várias ideias de pesquisas que pretendiam propor aos professores/as do meu curso. Infelizmente, problemas de convivência acadêmica fizeram com que eu deixasse de lado tais projetos.

2020. Pandemia Covid-19. Decidi trancar o curso. 14 meses recluso numa kitinete. Em uma cidade que até então eu não me sentia acolhido devido às relações de afeto que não conseguia construir. Sustentava-me com o auxílio do meu pai e com a bolsa de iniciação científica. Após trancar o curso, decidi estudar por conta próprio autores/as e teorias que não tinha conhecido durante os dois primeiros anos de graduação e me cerquei de literaturas várias com as quais pude descobrir o meu gosto pela literatura russa e o gosto pela escrita de resenhas literárias.

Retomei o curso em 2021. Em razão do ensino remoto que seguiu sendo ofertado, as normativas curriculares envolvendo os estágios supervisionados também foram alteradas. Tomei outra decisão: adiar o estágio e adiantar a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Na ocasião, estava desenvolvendo a minha terceira pesquisa de Iniciação Científica sobre o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em cidades médias. Tinha uma boa relação com minha orientadora, mas alguns incômodos pessoais começaram a ressurgir. Passei a observar como as relações de poder e decisão no meu curso colocavam as professoras (maioria do corpo docente) em desprivilégio para com os professores homens. Observei também os desconfortos de colegas de turma quando algum debate envolvendo gênero, sexualidades e/ou racialidades era posto.

Daí que aqueles projetos de 2019 vieram à mente e fui motivado a fazer outra escolha: pesquisar gênero e sexualidades no meu TCC. Felizmente, a proposta foi aceita por uma das professoras que se tornou uma grande incentivadora e acreditou desde o primeiro rascunho na minha escrita (até hoje, com o desenvolvimento do meu mestrado).

Lembro que na época, me foi dado um prazo de 10 dias para escrever um pré-projeto. Passei horas na frente do computador pesquisando palavras-chave (Gênero; Sexualidade; Educação; Geografia) no google e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Um oceano teórico-metodológico abriu-se para mim: na educação mergulhei nos textos de Guacira Louro (2001; 2012), na Sociologia conheci o universo queer com Richard Miskolci (2009; 2014) e Larissa Pelúcio (2014a; 2014b), e na Geografia reencontrei a Joseli Silva (2003; 2010) e a partir dela fui apresentado a corpos estrangeiros como Linda McDowell, Gillian Rose, Lawrence Knopp, David Bell, e a geógrafos(as) do Brasil como Marcio Ornat (2008; 2010), Susana Maria Veleza Silva (1998), Benhur Costa (2010; 2020) e tantas outras mentes e corpos que estavam engajados/as com a desmasculinização e a profanação da Geografia utilizando de abordagens feministas e *queer*.

Do objeto de estudo delimitado: os currículos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia da minha Universidade. Da problemática: Como os/as discentes percebiam a importância (ou não) da discussão de gênero e sexualidades na graduação e para com formação

profissional? Dediquei-me à escrita. Foram cinco meses intensos de muitas leituras, dúvidas e anseios que resultaram na escrita de um TCC personalizado e corporificado. Foi a primeira vez que me reconheci enquanto um sujeito plenamente capaz de criar algo “seu”.

A escrita da pesquisa é, nesse sentido, considerada como tecnologia: tecno, arte de enformação da realidade em matéria significativa, que, nesse processo de enformação, (re)forma, (de)forma, (in)forma, enfim (re)cria o vivido e seu próprio autor, posto a condição de mútua constituição entre sujeito que escreve e a escrita que se objetiva para a leitura de um outro. Esse outro, leitor, (re)criará, por sua vez, a partir da sua posição axiológica, o que se apresenta como texto a ser lido (Zanella, 2013, p. 134).

Com o passar dos meses e dos anos fui descobrindo que não há nada mais revolucionário que assumir a autoria de nosso pensamento, leitura, reflexão e então, germinar escritos e escritas por aí...Descobri que escrever é poder.

### **SUBVERSÕES GEOGRÁFICAS: CELEBRANDO ALGUNS FEITOS DE JOSELI SILVA E SEUS PARES**

A presente seção está fundamentada apenas em artigos individuais da professora Joseli Silva. Foram selecionados quatro textos que juntos organizam um percurso temporal de 2003 a 2020, e apresentam renovações conceituais indispensáveis para trabalhos sobre gênero e sexualidades em Geografia.

O ponto de partida para a reflexão proposta é o texto *“Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica”* (Silva, 2003). Nas primeiras linhas do respectivo manuscrito a professora Joseli relata para o/a leitor/a algumas afetações e implicações suscitadas na sua experiência em campo para coleta de dados de sua tese de Doutorado e que não foram contempladas no seu trabalho por algumas razões. O que fica claro no primeiro é justamente o tensionamento da posicionalidade da pesquisadora para com a realidade e sujeitos/as investigados/as:

[...] observei que no bairro pobre selecionado para minha pesquisa, a sociabilidade estabelecida era baseada nos laços de família, vizinhança e que as mulheres desempenhavam um papel central na produção destas relações. As instituições e serviços ligados ao mundo da reprodução familiar como saúde, educação e casas comerciais ligadas à provisão doméstica eram marcadas pela ação feminina. Os trabalhos desenvolvidos pelas igrejas a partir das pastorais também estavam sustentados pelo trabalho das mulheres [...] (Silva, 2003, p. 31).

Das observações apontadas pela autora para alguns questionamentos de ordem epistemológica:

[...] Em primeiro lugar, porque a abordagem geográfica é caracterizada por uma invisibilidade do papel feminino na organização do espaço? Em segundo, questiono se o instrumental teórico-metodológico utilizado pela ciência geográfica é suficiente para sustentar a abordagem de gênero e espaço. E, por último, pergunto de que forma as mulheres produzem o espaço? (Silva, 2003, p. 32).

Antecipo-me em dizer que não somente tais interrogações foram respondidas como o que se verifica hoje, passado-se vinte anos da publicação do referido texto, é que a trajetória e contribuição da professora-pesquisadora Joseli Silva para com a Geografia foi a de legitimar e/ou consolidar as mulheres em suas diferentes expressões de feminilidade, identidade de

gênero e sexualidades (a saber, por exemplo, o Dossiê temático sobre mulheres e experiências lésbicas publicado no volume 9, número 2 da edição de 2018 na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero) como agentes transformadores do espaço e escritoras de uma epistemologia, e conseqüentemente, uma ciência politizada e corporificada.

A tradição geográfica em privilegiar aspectos visíveis do espaço, o apego aos dados quantitativos e aos arquivos documentais oficiais, visando atingir a neutralidade científica na geografia convencional e também na abordagem economicista na perspectiva marxista, relegou a mulher a uma invisibilidade no processo de produção do espaço, já que sustentada nesta visão científica a geografia privilegiou os agentes e as paisagens hegemônicas e, portanto, fundadas na dominação masculina, conforme tem declarado McDowell (Silva, 2003, p. 33).

A referência à geógrafa britânica Linda McDowell deixa ver que a professora Joseli estava em processo de leitura e letramento para com as então conhecidas Geografias Feministas, campo este que já tinha sido considerado pela professora Susana Silva (1998) como capaz de engendrar uma transformação na epistemologia geográfica.

A vitalidade das discussões das relações de gênero e espaço é maior na geografia norte-americana e europeia, as quais têm contribuído significativamente para legitimar o tema enquanto problema científico, fundamentando seus estudos na existência do feminismo enquanto parâmetro simbólico. Estes estudos, majoritariamente realizado por geógrafas, trazem a identidade feminina como sendo um agente importante na compreensão do espaço e também assumem um compromisso de abordar questões de relações de poder e hierarquia que transformam em assimétricos o desenvolvimento sócio-espacial nas relações de gênero (Silva, 2003, p. 35).

O trecho em destaque deixa ver a preocupação da pesquisadora em buscar as referências bibliográficas para fundamentar suas análises críticas, a aliança com uma postura feminista e por fim, a criação de ferramentas teórico-metodológicas para superar as hierarquizações político-culturais e do saber reproduzidas nas relações entre gêneros. Nesse sentido, cabe ressaltar que a professora Joseli não somente utilizou dos estudos estrangeiros, como trouxe tais pesquisas para a academia brasileira. Em grande parte isso foi possível com a criação da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero em 2009 que passou a distribuir para os/as leitores artigos originais de pesquisadoras/es do norte global (Brown, 2013; Borghi, 2015; Boivin, 2017, entre outras) e demais regiões do mundo (Holland-Muter, 2018; Sánchez, 2020, entre outras), além de traduções e entrevistas e também os livros que foram publicados ao longo dos anos pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) sob coordenação da mesma.

Quanto à “missão” em elaborar chaves conceituais para inserir o gênero enquanto categoria analítica na pesquisa geográfica, Joseli Silva (2003) apresenta no artigo o conceito de “Espaço Paradoxal” formulado por Gillian Rose, também uma geógrafa britânica. E é com este conceito que o manuscrito da Joseli pode ser considerado como uma porta de entrada para os estudos de gênero em Geografia e as Geografias Feministas.

[...] Em sua proposta teórica, as mulheres somente alcançam visibilidade no espaço quando observadas através do espaço da luta e resistência. E tal perspectiva implica ultrapassar o discurso dominante da geografia e reconhecer um particular senso de espacialidade que ela nomeia de “espaço paradoxal” (Silva, 2003, p. 39).

A interpretação que a geógrafa brasileira fez para com o conceito teve como horizonte a ideia de plurilocalização e multidimensionalidade que os sujeitos/as assumem na trama cotidiana.

O espaço paradoxal constitui-se numa interessante construção metodológica na geografia, sendo complexo, pois envolve variadas articulações e dimensões. Qualquer mulher não pode ser vista constituindo apenas um gênero, mas também, a sexualidade, a raça, a religião e a classe social. Todos esses elementos são experienciados simultaneamente, podendo, portanto, subverter a ordem de força entre os “mesmos” e os “outros” devido sua plurilocalização no território. Qualquer posição é imaginada não apenas por ser localizada por múltiplos espaços sociais, mas também por ambos os pólos de cada dimensão [...] (Silva, 2003, p. 40).

Avanço na discussão com o texto “*A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade*” (Silva, 2008). Neste, pode-se considerar que a Joseli Silva insere e legitima na Geografia outros sujeitos/as em potencial para com a transformação do espaço urbano, quais sejam, as travestis.

Na introdução do respectivo a autora se preocupou em esclarecer algumas imprecisões linguísticas em torno dos corpos travestis, sentidos/significados atribuídos em cada contexto, e os riscos de classificações arbitrárias que incorrem numa estigmatização de tais subjetividades.

[...] Optou-se por adotar a auto-identificação de um grupo de treze pessoas que, ao serem questionadas sobre sua identidade de gênero, disseram: sou “uma travesti”. Assim, embora se saiba que a língua portuguesa classifica a palavra travesti relativa ao sujeito masculino, será preservada a linguagem utilizada pelo grupo e, portanto, a expressão será feminina (Silva, 2008, p. 2).

O horizonte empírico problematizado pela autora foram as experiências escolares das travestis e como estas constituíram memórias corporificadas, bem como condicionaram as presenças e ausências desses corpos nos espaços citadinos.

[...] Se, numa primeira concepção, a escola é o local da inclusão, da convivência das diferenças, do acesso democrático ao conhecimento, para as travestis a escola é local de sofrimento, de violência e ataque cotidiano à sua auto-estima, abortando suas possibilidades de conquistas materiais e sociais futuras (Silva, 2008, p. 3).

A primeira chave conceitual destacada pela autora para o encaminhamento da reflexão é a noção de intertextualidade do geógrafo estadunidense James Duncan, um dos intelectuais expoentes da então denominada Nova Geografia Cultural.

[...] Duncan (1990) nos oferece a compreensão de uma trama de relações em vários sentidos na análise da paisagem e privilegia o ato criativo dos sujeitos sociais através de sua leitura e interpretação, evidenciando tanto as interações entre diversos grupos, quanto a grande dificuldade de interação interpretativa da paisagem entre grupos que não participavam dos mesmos códigos culturais. Esse autor cria uma abordagem política da paisagem e afirma que esta deve servir como parte constitutiva da análise de como a vida social é organizada e de como as relações de força que a compõem são constituídas, reproduzidas e contestadas (Silva, 2008, p. 4).

Joseli Silva (2008) classificou a teoria do pesquisador estadunidense como uma das que possibilitaram a abertura da Nova Geografia Cultural para com o debate sobre as questões de gênero e as epistemologias feministas, especialmente, nas últimas do século XX quando aquelas assumiram maior projeção em razão de outro movimento acadêmico que vinha sendo gestado e difundido, chamado de teorias queer. Tem-se então a primeira vez que a autora aprofundou tais perspectivas teórico-metodológicas, muito embora em estudo anterior (Silva, 2007) tenha mencionado as mesmas ao ter mencionado a obra de Judith Butler (2003).

[...] A influência queer se desenvolve nas pesquisas geográficas a partir dos anos 90, privilegiando um novo olhar para os enfoques de gênero e sexuais. As(os) geógrafas(os) desta tendência argumentam que não há posições binárias entre gêneros, mas complexidades de relações que constroem identidades paradoxais. O ponto central de suas críticas é a “falácia” da oposição hetero/homo sexual que organiza o conhecimento e as ações dos sujeitos no mundo. Advogam uma política identitária de sujeitos que podem, de forma relacional e processual, transgredir e sustentar os sistemas explorando as relações entre a sexualidade e espaço para revelar a vasta disposição de negociação constante entre corpos e lugares (Silva, 2008, p. 6).

A geógrafa retoma pressupostos de Judith Butler (2003) tendo em vista a chave conceitual da performatividade para com a interpretação de gênero e articula-a com o conceito de espaço paradoxal de Gillian Rose (1993). De maneira bastante criativa, observa-se o que a Joseli Silva propôs no respectivo manuscrito foi justamente um tripé teórico-metodológico, qual seja: Geografia Cultural, Geografia Feministas e teorias queer.

Quanto às evidências empíricas obtidas em conjunto com as travestis participantes da pesquisa, é enfatizado como as memórias da infância das travestis sempre se remetem a um “não-eu” haja vista que a transição de gênero não havia ocorrido ou ainda, uma corporeidade temporária que intermediava tal processo.

[...] Quando elas resgatam estas experiências, alertam para o fato de que ainda não haviam se tornado travestis e realizam evocações que se confundem com o masculino e o feminino. A expressão “eu ainda era uma gay” é bastante comum, assim como a percepção de que o ser travesti é “mais evoluído” do que o ser gay, como se houvesse uma trajetória a ser percorrida por todas as pessoas que não se encaixam no padrão da norma do gênero masculino (Silva, 2008, p. 10).

A respeito das experiências escolares, os relatos apresentados no manuscrito descortinam a função reguladora, hetenormativa e transfóbica que a escola agencia explícita ou implicitamente com aqueles/as estudantes que contestam o *script* social compulsório.

O espaço intra-escolar é vivenciado de diferentes formas e além da sala de aula, existem outras experiências vividas que são marcantes para as travestis, as aulas de educação física, o recreio no pátio e os momentos de idas ao banheiro. O espaço escolar aparece na vida das travestis como um local de treino para a vida em sociedade [...] (Silva, 2008, p. 12).

É enfatizado no texto que a binarização dos espaços e/ou equipamentos escolares é muito mais opressora e/ou violenta quando se trata do acesso e uso aos banheiros. Situações deste tipo apareceram nos relatos das travestis participantes da pesquisa encaminhada.

No espaço escolar os conflitos de maior intensidade relatados pelas travestis ocorrem nos banheiros [...] O papel que o banheiro desempenha na estrutura escolar é muito mais do que um espaço de realização de

necessidades fisiológicas presentes para ambos os corpos categorizados como femininos ou masculinos. O banheiro é parte fundamental da reprodução dos corpos generificados [...] (Silva, 2008, p. 13).

Pode-se dizer que com tal pesquisa, Joseli Silva (2008) reconheceu as subversões que as experiências travestis implicam na sociedade que se quer heteronormativa e cisgênera, e responsabiliza a escola como uma das instituições que atuam como discurso e dispositivo de controle para os corpos de estudantes tendo em vista o sucesso da generificação total, contudo, isto está fadado ao fracasso quando é presença a presença de corpos dissidentes que contestam e utilizam de táticas corporais para derrubar tal sistema. Diante disso, se os/as profissionais de educação reconhecessem e acolhessem tais corpos e suas necessidades, resultaria dessa relação ferramentas várias para transformar o espaço escolar naquilo que de fato deveria ser: libertador.

O próximo condutor teórico da discussão proposta é o texto “*Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica*” (Silva, 2010). Considero esse texto como um dos mais criativos e indispensáveis para quem deseja engajar-se com as Geografias feministas e queer, principalmente, homens geógrafos, uma vez que logo no início do texto a professora Joseli Silva destaca alguns pressupostos que dizem muito a respeito de nossa subjetividade masculina, esta que é tensionada num campo de estudos que para alguns/as estariam restritos apenas às mentes e mãos femininas. Dito isso, a autora elencou cinco aspectos sobre o saber/fazer geográfico subversivo.

O primeiro trata-se da recusa ao reducionismo que é bastante comum na sociedade e/ou comunidade acadêmica de que os estudos de gênero preocupa-se única e exclusivamente com as demandas e/ou necessidades das mulheres (leia-se mulheres cisgênero e heterossexuais). Tal preconceito é por demais limitante e exclui outras subjetividades marginalizadas tanto quanto as mulheres. Joseli Silva (2010) sublinha que as experiências trans e as masculinidades não hegemônicas também devem inspirar nosso saber/fazer feminista. O argumento da autora evidencia a influência da obra de Judith Butler (2003) em sua escrita, haja vista que uma das ideias mais difundidas da pesquisadora estadunidense é justamente a recusa a um sujeito específico capaz de garantir a identidade do feminismo, ou seja, a busca por uma categoria universal, “a mulher”.

É minha sugestão que as supostas universalidade e unidade do sujeito do feminismo são de fato minadas pelas restrições do discurso representacional em que funcionam. Com efeito, a insistência prematura num sujeito estável do feminismo, compreendido como uma categoria uma das mulheres, gera, inevitavelmente, múltiplas recusas a aceitar essa categoria. Esses domínios de exclusão revelam consequências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios [...] (Butler, 2003, p. 23).

O segundo pressuposto apresentado pela professora Joseli (2010) é o de que o conceito de gênero é inversamente distinto do conceito de mulher: “[...] já que esta última apresenta-se como essencializada, a partir da diferença biológica, e o conceito de gênero agrega a dimensão social e cultural da diferença sexual [...]” (p. 40).

O terceiro argumento, por sua vez, consiste na valorização do feminismo enquanto ferramenta analítica holística tanto do universo feminino e das diferentes expressões de feminilidades quanto do universo masculino e as várias masculinidades. Tal perspectiva tem sido enfatizada e discutida especialmente pelas feministas negras, uma delas é a bell hooks (2020), autora esta que a Joseli Silva tem dado atenção em textos mais recentes quando da discussão (que abordarei a seguir) sobre corpo, políticas de amor e posicionalidade (Silva, 2020). Assim sendo, para bell hooks:

Conscientização feminista para homens é tão essencial para o movimento revolucionário quanto os grupos para mulheres. [...] Muitas vezes, no início



do feminismo contemporâneo, formaram-se grupos de homens sem abordar, de maneira alguma, questões relacionadas à sexismo e dominação masculina. Assim, como o feminismo baseado em estilo de vida era focado em mulheres, esses grupos com frequência se tornaram ambientes de terapia para homens lidarem com suas feridas [...] O movimento feminista do futuro não irá cometer esse erro. Homens de todas as idades precisam de ambientes em que sua resistência ao sexismo seja reafirmada e valorizada. Sem ter homens como aliados na luta, o movimento feminista não vai progredir [...] (hooks, 2020, p. 30-31).

Outro pressuposto mencionado por Joseli Silva (2010) é o de que pesquisar gênero e articulá-lo com o estudo geográfico não garante que a postura daquele/a que o faz seja inerentemente feminista. Para a geógrafa: “[...] A identidade feminista no campo científico é também uma construção social em permanente processo aberto e provisório [...]” (p. 40). Tal advertência foi por mim tensionada em escritas anteriores a esta em que me perguntei e refleti justamente sobre a minha posicionalidade enquanto homem cisgênero, negro e homossexual e o meu fazer geográfico.

O fato da minha disposição para com a leitura de obras feministas, para com uma escrita situada (Haraway, 1995) e os temas investigados por mim, são suficientes para eu me autodeclarar feminista? Qual o risco dessa arbitrariedade? Carente de respostas busquei trabalhos de outros geógrafos que têm pesquisado sobre, e o que encontrei nestes foi dúvidas e anseios muito semelhantes com o que eu vinha sentindo (tais processos reflexivos foram contemplados em outro manuscrito).

De todo modo, o argumento de Joseli Silva concorda em muito com o que bell hooks (2020) defendeu durante toda sua trajetória de vida: pesquisar e escrever sobre feminismo é um das possibilidades de engajamento e abertura para a construção de uma postura, mentalidade, afetos e hábitos feministas.

O quinto e último ponto refletido pela geógrafa complementa o tópico anterior ao enfatizar que o saber/fazer feminista é uma prática emancipadora para ambos universos femininos e masculinos, assim, homens podem ser plenamente criativos no engajamento da luta antissexista, antipatriarcal e antiracista, bem como elaborarem conhecimentos feministas que suscitam políticas transformadoras. Retomo novamente as ideias de bell hooks (2020) que mostra a importância desse movimento para as experiências masculinas.

O que é e foi necessário é uma visão de masculinidade em que a autoestima e autoamor da pessoa, que é única, formam a base da identidade. Culturas de dominação atacam a autoestima, substituindo-a por uma noção de que obtemos nosso senso de ser a partir do domínio do outro. Para mudar isso, homens devem criticar e desafiar a dominação masculina sobre o planeta, sobre homens menos poderosos e sobre mulheres e crianças. Mas devem também ter uma visão clara do que é a masculinidade feminista. Como você pode se tornar o que você não consegue imaginar? E essa visão ainda precisa ser totalmente esclarecida por pensadores feministas, homens e mulheres (hooks, 2020, p. 106-107).

Cabe pontuar que o quinto pressuposto elaborado pela professora Joseli (2010) leva em consideração a renovação do estudos de gênero em Geografia quando da alteração terminológica para contemplação da pluralidade de experiências femininas e masculinas, bem como os referenciais epistemológicos que podem ser adotados em tal prática: “[...] A expressão “geografia feminista” foi substituída pelo seu plural “geografias feministas” a fim de expressar a pluralidade científica e ideológica existente neste campo de produção científica” (p. 40). Isso em vista, a geógrafa expôs para o/a leitor/a quais são suas referências ao sublinhar que concebe o conceito de gênero a partir da obra de Judith Butler com o conceito de performatividade,

chegando a dizer que não somente o gênero é experienciado/construído a partir da performance como também o espaço o é.

[...] Ao incorporar a performatividade como o exercício do gênero, entendido como representação social, a geografia evidencia a importância da incorporação do espaço e do tempo nas análises das experiências da vivência cotidiana e concreta e as possibilidades de subversão da própria ordem compulsória de gênero da sociedade heteronormativa (Silva, 2010, p. 43).

No mesmo manuscrito Joseli Silva (2010) aprofunda na chave conceitual da interseccionalidade, debate este que fora adiado nos textos anteriores. Contudo, a sua análise ficou restrita a interpretações e proposições de geógrafos/as do norte global, sem qualquer alusão ao conceito de interseccionalidade da jurista feminista negra Kimberlé Crenshaw (2002). Uma ausência conceitual que é por mim compreendida não somente como uma limitação, mas um engajamento filosófico da pesquisadora quando da reflexão proposta, bem como sua posicionalidade enquanto uma intelectual branca que reconhece e tensiona sua corporeidade e privilégios bem como foi tensionada e questionada pelas/os sujeitas/os de sua pesquisa conforme relatado nas descrições de suas atividades de campo em Madri com as mulheres prostitutas.

[...] Durante o trabalho de campo, ao estar atenta às representações que minha corporalidade despertava e quais os parâmetros em que eu me tornava inteligível nos locais de pesquisa, pude perceber que meu ser tem também um gênero, uma cor, uma moralidade, uma classe e uma nacionalidade. Contemplar a posicionalidade e a flexibilidade no processo investigativo exige um pensar da(o) cientista que envolve os outros, mas também de si mesma(o). Os relatos que apresentei anteriormente evidenciam que minha corporalidade não era invisível no campo de pesquisa, e contemplá-la pode ser bastante produtivo [...] (Silva, 2010, p. 50).

A cotidianidade discutida no manuscrito em questão refere-se às experiências da pesquisadora na Espanha em contato com as mulheres trans e travestis prostitutas. Contudo, reservarei minhas opiniões sobre estas para futuros trabalhos. Deixo a sugestão para o/ leitor/a consultar o mesmo e apreciar as contribuições que a professora Joseli nos ofereceu.

## DE QUANDO ENEGRECEMOS AS NOSSAS ESCRITAS

Uma das inquietações pessoais para com os trabalhos desenvolvidos e publicados da professora Joseli Silva deve-se a ausência do debate sobre o Feminismo Negro em seus escritos, haja vista a predominância de referências do norte global difundidas por pesquisadores/as brancos/as. Felizmente, o processo formativo e criativo da pesquisadora nos últimos anos direcionou sua atenção para algumas teorias feministas feitas por mulheres negras e latino-americanas. Isso posto, empresto o texto “*Relatos de si: Eu, a Geografia e o indizível no campo científico*” (Silva, 2020) para fazer a conclusão do que eu chamei de ato celebrativo e revisão narrativa.

Tendo em vista a prática inventiva de relatar si mesmo (Butler, 2015) e articulando-a com os pressupostos de Paulo Freire e bell hooks que entendem o amor como potência criativa e atitude libertadora para com a realidade que nos atravessa, para a escrita do referido artigo Joseli Silva (2020) retomou suas experiências pessoais, familiares e o seu processo formativo ao longo dos anos de pesquisas desenvolvidas com seus/as pares no Grupo de Estudos Territoriais (GETE), parcerias internacionais e relações acadêmicas.

Na primeira seção do texto mencionado, a pesquisadora nos conta que organizou suas produções acadêmicas com destaque para as parcerias formadas e os temas que foram pesquisados durante toda existência do GETE, a saber: prostituição, lesbianidades, experiências gays, maternidade,

violências domésticas, violências sexuais, encarceramentos, adolescentes em conflito com a lei, entre outras que respondem a três grupos sociais: travestilidades/transexualidades, feminilidades e masculinidades. Em seguida, os livros que compuseram e fortaleceram o GETE enquanto um dos mais renomados grupos de pesquisa em Geografia do país: Geografias Subversivas (2009), Espaço, Gênero e Masculinidades Plurais (2011), Geografias Malditas (2013), Geografias Feministas e das Sexualidades (2016), entre outros títulos.

A popularidade e reconhecimento do GETE é inegável, principalmente, para pesquisadores/as que assim como eu têm percorrido essas outras geografias subversivas, malditas e malvistas. Contudo essa popularidade e reconhecimento se deu de forma inversa. A Geografia brasileira por muito tempo negou os estudos de gênero e sexualidade, e negou mais ainda o GETE e os/as pesquisadores que o compunham. Foi preciso os esforços individuais e coletivos para que o GETE criasse aliança com outros espaços acadêmicos para além das fronteiras nacionais. Sobre isso, a professora Joseli Silva (2020) diz que:

Todas essas iniciativas acadêmicas não foram por acaso, surgiram de coleções de pareceres negativos de nossos artigos, sistematicamente rejeitados nas revistas científicas da geografia brasileira. Ora porque os temas e sujeitos não eram considerados próprios do campo da geografia, ora porque a linguagem utilizada era afrontosa para os padrões exigidos no mundo acadêmico [...] (Silva, 2020, p. 178).

E acrescenta posteriormente:

[...] O isolamento das redes científicas no Brasil foi um dos elementos que gerou nossa busca por relações de trocas científicas com a comunidade de pesquisadorxs feministas, queer e decoloniais em outros países [...] O carinho com o qual fui amparada por geógrafas feministas já estabelecidas academicamente como Janice Monk, Maria Dolors García Ramon, Tovi Fenster, Robyn Longhurst, Doreen Massey, Kath Browne e Lynda Johnston evidencia que práticas feministas acadêmicas são possíveis, mesmo no competitivo mundo intelectual global (Silva, 2020, p. 186).

Diante da coletividade de autoras reconhecidas como fontes de empoderamento e criatividade, a professora Joseli aproveitou a oportunidade para reforçar alguns princípios feministas (O pessoal é político, bem como científico) tendo em vista as fissuras e redirecionamentos no fazer geográfico engendradas por corpos e mentes que direta e/ou indiretamente estabeleceram alguma relação afetiva/profissional para consigo mesma, todavia, se reconhece assujeitada, em algumas circunstâncias, pela estrutura hegemônica que sustenta o edifício científico e que não foi totalmente transformada:

[...] devo confessar, ainda que inspirada pelo movimento feminista e advogando a não separação entre o privado e o público, narrar o entrelaçamento do pessoal, político e científico é um grande temor que gostaria sinceramente de superar. [...] Se me sinto vulnerável, constato que em mim também vivem os 'modos de ser' da academia e que eu mesma os performo para conquistar e manter meu poder acadêmico. O mesmo poder que me assujeita (Silva, 2020, p. 179).

Ademais, provoca-nos para a disposição e ousadia em seguir criando conhecimentos corporificados, que afetam e são afetados, que revelam o pessoal e permite que o/a interlocutor/a nos compreenda a partir desses outros referentes que uma escrita despersonalizada e descorporificada insiste em garantir.

Nossa cultura de produção de saber científico acredita que o conhecimento é produzido pela razão, por mentes separadas dos corpos,

das emoções, dos valores e das experiências [...] Quando aceitamos estas regras do jogo científico e afirmamos a posição de poder atribuído ao sujeito de referência (constituído como masculino, burguês, branco e heterossexual), criamos uma ciência incapaz de acolher as diferenças, porque tudo que não é concebido a partir da autopercepção do sujeito de referência, é considerado desviante, anormal e sentenciado à eliminação (Silva, 2020, p. 181).

As contribuições de bell hooks compareceram no manuscrito em questão. Sua presença é sentida e percebida quando na segunda seção do texto deparamo-nos com as palavras mais corporificadas e afetivas que a professora Joseli Silva já escreveu em um artigo científico, dentre as quais destaco:

No percurso de me tornar uma geógrafa, minha capacidade intelectual era desacreditada por mim mesma, enquanto a forma como meu corpo era interpretado, me fazia ter a ideia de viver 'fora de ordem' ou sempre 'fora de lugar'. Uma mulher jovem descasada e mãe de duas crianças, eu era interpretada como um perigo para outras mulheres. Foram poucas as amizades femininas que conquistei ao longo da vida. Foi das mulheres os olhares mais duros de reprovação à minha forma de pensar e de ser. Enfim, não fui acolhida pelo mundo feminino que eu conhecia. Eu havia rompido o pacto do silêncio que imperava entre as 'mulheres de bem' e fui interpretada como companhia inapropriada. Entretanto, lembro que os 'homens de bem' estavam sempre dispostos a me acolher, em segredo e em troca de favores sempre corporais. Apesar de me sentir fora de ordem e construir meus laços afetivos de amizade com pessoas que eram também assim interpretadas, minha vida profissional era de extrema disciplina e esforço e isso sempre esteve sustentado pela necessidade de exercer uma maternidade solitária. Ser eficiente, nunca foi exatamente para me afirmar como uma profissional de sucesso, mas para manter o posto de trabalho que me permitia ter segurança para sustentar meus filhos. Ser mãe e ser boa profissional foram duas facetas interdependentes na minha trajetória (Silva, 2020, p. 184).

Reconheço em tais palavras a disposição e coragem que a geógrafa teve em politizar suas memórias, angústias pessoais e coletivas, dores e amores que constituíram sua feminilidade. Ao meu ver, é como se a professora Joseli tivesse descoberto outra possibilidade de letramento feminista: o matinar como poder e o amor como potência. Princípios estes herdados pelas nossas companheiras feministas negras, entre elas, a bell hooks, que afirmou:

O centro de nosso ponto de vista alternativo ainda é uma verdade fundamental e necessária: não há amor onde há dominação. O pensamento e a prática feministas enfatizam o valor do crescimento mútuo e da autorrealização em relacionamentos íntimos e na parentalidade. Essa visão de relacionamentos em que as necessidades de todo mundo são respeitadas, em que todo mundo tem direitos, em que ninguém precisa temer a subordinação ou o abuso, vai em sentido contrário a tudo o que o patriarcado defende sobre a estrutura de relacionamentos. [...] Políticas genuinamente feministas sempre nos transportam da servidão à liberdade, da falta de amor ao amor. A mutualidade é a base para o amor. E a prática feminista é o único movimento por justiça social em nossa sociedade que cria condições para que a mutualidade seja nutrida (hooks, 2020, p. 149-150).

Foram necessários quase vinte anos para conhecermos a mulher-mãe Joseli Silva. Uma escrita adiada por motivos vários. Considero sortudos/as aqueles/as que tiveram a oportunidade de

conhecê-la e trabalhar com ela antes de tal texto. Tenho certeza que foram ouvintes e/ou interlocutores/as das experiências citadas e de tantas outras. No meu caso, já tinha encontrado-a em 2019, mas foi somente neste ano, mais especificamente, em junho de 2023 que pude conhecê-la corpo a corpo, olho a olho. O pulsar do ser que sempre foi sentido por mim quando das leituras e releituras dos seus textos foi ampliado ao infinito. Ouvi-la contar de suas experiências pessoais, seus afetos maternos, filiais, amigáveis e profissionais foi como beber água após um longo período de sede: mais que necessidade, vital!

## ANTES, UM MANIFESTO

[...] Os homens que advogam o feminismo como movimento para acabar com a opressão sexista precisam tornar mais clara e pública sua oposição ao sexismo e a opressão sexista [...] (hooks, 2019, p. 130).

Solidão. Talvez seja este o sentimento partilhado por quem se atreve a pesquisar gênero e sexualidades independente da ciência que aquele/a seja filiado/a. Solidão que pode ser intensificada quando referenciamos outras marcas sociais que nos constituem: gênero, raça, sexualidade, classe, religião, regionalidade etc. Senti e sinto a solidão em vários trechos dos textos da professora Joseli. Senti e sinto a solidão com aquelas pessoas que assumem compromissos éticos e políticos feministas e são hostilizadas e taxadas de vitimistas. Como superar isso? O que podemos fazer para que essas circunstâncias de solidão não resultem numa postura derrotista?

No momento não consigo argumentar nada de tão assertivo e efetivo, mas algo me vem à mente como experiência disparadora para nossos ativismos. Como não lembrar da performance realizada pela Débora na noite de 29 de junho de 2023 quando do encerramento da disciplina “Geografia, Sujeitos e Corporalidades”? As minhas lágrimas, as lágrimas da Joseli e dos/as demais estudantes emocionados com os atos, gestos e olhares da Débora em sua performance revelavam um processo curativo para todas as dores e solidões que cada um de nós foi capaz de expressar durante aquela inesquecível última semana de junho de 2023.

Solidões desse tipo que ao serem compreendidas, acolhidas, politizadas e fertilizadas por/com saberes e conhecimentos por demais inventivos e criativos são capazes de colocar a “pureza” e a “seriedade” da Geografia em xeque. Não à toa decidi adjetivar as Geografias celebradas aqui neste texto como ousadas. Pois é assim que somos interpretados/as às vezes. Como ousados(as), pervertidos(as), escandalosos(as), problemáticos(as), pedantes e afins.

Há outro tipo de solidão que tenho observado nesses últimos anos e especialmente, nestes últimos meses (Abril a Junho de 2023) quando do meu ingresso na Pós-Graduação. A solidão acadêmica. Esta que debilita a prática da pesquisa quando da naturalização do produtivismo e da competitividade que segue formando graduados/as, mestres/as, doutores/as. Acrescentaria ainda outros processos que emergem de tais experiências, e insistem em ser naturalizados: misoginia, racismo e homofobia. Por isso, a percepção (e sensação) de que pesquisar gênero e sexualidades é por demais desafiador e angustiante. Temos que expor e denunciar tais práticas, o que pode fazer com que pessoas e/ou grupos se sintam ameaçados/as e passem a nos perseguir de várias formas. Temos que dar conta de leituras ditas “clássicas” para apontar os equívocos cometidos que até hoje seguem sendo reproduzidos e/ou interpretações enviesadas que são passadas adiante sem qualquer pudor. Temos que lidar com situações e/ou relações por demais caricatas do/a orientador/a que se pretende a persona-deus. Aquele/a que tudo sabe, que tudo vê, que tudo cria e não permite que suas criaturas sejam criativas. E depois de tudo isso, ainda temos o trabalho individual e/ou coletivo que é a construção dos nossos conhecimentos. Para tanto, para pesquisadores/as que assim como eu são dissidentes sexuais, é como se tivéssemos que sair outra vez do armário. O armário epistemológico (Sedgwick, 2007) e o armário pedagógico (Escouto; Tonini, 2021).

A saber, tal movimento contestatório não encerra as dúvidas e interrogações que surgem ao longo do nosso percurso formativo, pelo contrário, faz surgir outras: Porque permitimos que isso siga se repetindo? Porque ainda temos que provar “metodologicamente e teoricamente” que o que escrevemos é científico para nossos/as mestres/as e doutores/as? Porque seguimos nos relacionando de forma abusiva em espaços que deviam ser acolhedores, libertadores? Ao meu ver, não há outra resposta que não o medo.

O medo que paralisa. O medo que nos torna infelizes. O medo autoritário. O medo da solidão. E é por medo de encarar nossa solidão que seguimos, muitas vezes, fazendo pesquisas que não gostamos, pesquisas desmotivadoras. Por medo da solidão, tomamos o caminho inverso que a professora Joseli Silva e seus pares tomaram. O caminho do desamor, do desafeto e do não cuidado com nós mesmos e com nossos/as companheiros/as de luta.

Autoridade científica não significa ser autoritário/a. Ciência holística é diferente de etnocentrismo científico. Colocar o adjetivo humano e/ou classificar um conhecimento e/ou ciência como tal não isenta e/ou garante que esta mesma seja anti-humanidade. Afinal, assim como cientistas foram capazes de criar a eletricidade, criaram também a cadeira elétrica. Por estas e outras razões, defendo que a Geografia nunca deveria ser conjugada no singular. O que existe são Geografias, feitas por geógrafos e geógrafas corporificados(as) em gênero, raça, sexualidade, classe, religiosidade, ideologias e afins.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando imaginei a estrutura e resultado desse manuscrito, o que me vinha à mente era uma narrativa entrelaçada entre os meus dizeres e os da professora Joseli. Como se uma conversa. Contudo, não uma conversa informal como aquela que eu pude apreciar na noite de 29 junho de 2023 em sua casa e na companhia de outros/as estudantes de mestrado e doutorado em Geografia de quase todo o Brasil. Em vez disso, como uma troca de correspondências, ou melhor, o revisitar de correspondências (nesse caso, a releitura dos textos mencionados e debatidos).

Percorrida a discussão dos textos da professora Joseli Silva considero o conjunto de sua obra como uma sucessão de fases: a primeira fase apresenta uma geógrafa tomando coragem para apontar os silenciamentos epistemológicos promovidos pela Geografia hegemônica; a segunda fase revela o sucesso da autora em ter conseguido eleger e legitimar como sujeitos/as geográficos as mulheres, as travestis e transexuais, as lésbicas e as mães; finalmente, a terceira fase apresenta o letramento racial e decolonial desejado e praticado pela autora e, conseqüentemente, a valorização e projeção das Geografias Feministas Latino-americanas para aqueles/as de “lá de cima”.

Em uma das aulas que a professora Joseli Silva ministrou para nós na última semana de junho de 2023, uma das frases mais enfatizadas por ela para conosco (na verdade uma paráfrase de um dito do geógrafo David Bell): “O que foi terá sido?”. Retomo-a aqui para que o/a leitor/a se valha da mesma e possa se questionar sobre o que escrevi nestas páginas. O que foi terá sido? A professora/pesquisadora Joseli é de fato assim como foi descrita? Adianto a resposta: não. É a obra da Joseli que foi tratada por mim como um corpo-referente a ser lido, interpretado e significado pessoal e cientificamente. Assim sendo, convido-o/a para ler os mesmos textos, propor outras interpretações, e quem sabe, significar outras geografias ousadas!

Encerro (por enquanto) este texto-manifesto com um dizer que se quer político. Na verdade, uma declaração geográfica que ousa dizer amores: professora Joseli, nós amamos você!.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento do projeto, ao qual se encontra vinculada esta pesquisa.

**REFERÊNCIAS**

- BOIVIN, R. R. La noción de visibilidade en la Investigación de las Geografías de las Minorías Sexuales. *Revista Latino-americana de Geografía e Género*, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 284-315, 2017.
- BORGHI, R. O espaço à época queer: contaminações queer na Geografia francesa. *Revista Latino-americana de Geografía e Género*, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 133-146, 2015.
- BROWN, G. Pensando além da homonormatividade: Explorações performativas de economias gays diversificadas. *Revista Latino-americana de Geografía e Género*, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 125-138, 2013.
- BUTLER, J. *Problemas de Género: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CAMPOS, M. P. de; SILVA, J. M. 'Teu corpo é o espaço mais teu possível': Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. *Revista da ANPEGE*, Dourados, v. 16, n. 31, p. 101-114, 2021.
- COSTA, B. P. Espaço social, cultura e território: o processo de microterritorialização homoerótica. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 25-37, 2010.
- \_\_\_\_\_. As geografias das constituições dos devires-expressivos das pessoas como diferenças: perspectivas da análise nas pesquisas em microterritorialidades. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n. 42, v. 2, p. 90-114, 2020.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.
- ESCOUTO, C. M.; TONINI, I. M. A geografia ainda está no armário? Silêncios e naturalização no espaço escolar. *Revista da ANPEGE*, Dourados, v. 17, n. 32, p. 409-428, 2021.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.
- HOLLAND-MUTER, S. Constructions of home: the politics of lesbian world making in Cape Town. *Revista Latino-americana de Geografía e Género*, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, 2018.
- hooks, b. *Teoria feminista: Da margem ao centro*. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- \_\_\_\_\_. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução: Bhuvi Libanio. 14 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- LOURO, G. L. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- \_\_\_\_\_. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 363-369, 2012.
- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, 2009.
- \_\_\_\_\_. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre a teoria queer. *Revista Florestan*, São Carlos, v. 1, n. 2, p. 8-25, 2014.
- ORNAT, M. J. Sobre espaço e gênero, sexualidade e Geografia feminista. *Terr@ Plural*, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 309-322, 2008.-
- \_\_\_\_\_. Do território instituído ao território instituinte do ser travesti: algumas reflexões teóricas e metodológicas. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 75-88, 2010.
- PELÚCIO, L. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. *Revista Florestan*, São Carlos, v. 1, n. 2, p. 26-45, 2014.

\_\_\_\_\_. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? Revista Periódicus, Salvador, v. 1, n. 1, 2014.

ROSE, G. *Feminism & Geography: The limits of Geographical Knowledge*. Cambridge: Polity Press, 1993.

SÁNCHEZ, G. M. La piñera nos contaminó el agua: Mujer, trabajo y vida cotidiana en comunidades afectadas por la expansión piñera en Costa Rica. Revista Latino-americana de Geografía e Gênero, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, 2019.

SEDGWICK, E. K.. A epistemologia do armário. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, p. 19–54, 2007.

SILVA, J. M. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 117-134, 2007.

\_\_\_\_\_. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. Geo UERJ, Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, p. 1-17, 2008.

\_\_\_\_\_. Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

\_\_\_\_\_. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 27, p. 39-55, 2010.

\_\_\_\_\_. ‘Relatos de si’: Eu, a Geografia e o indizível no campo científico. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 42, v. 2, p. 173-189, 2020.

SILVA, S. M. V. da. Geografia e Gênero/Geografia feminista: O que é isto? Boletim Gaúcho de Geografia, v. 23, n. 1, p. 105-110, 1998.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. (Org.); CHIMIN JUNIOR, A. B. (Orgs.). Espaço, gênero e masculinidades plurais. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

\_\_\_\_\_. Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.

\_\_\_\_\_. Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016.

ZANELLA, A. V. Perguntar, registrar, escrever: Inquietações metodológicas. Porto Alegre: Editora Sulina; UFRGS Editora, 2013.